


Caminhada das Almas da Barragem

A Caminhada da Seca que acontece em Senador Pompeu, Estado do Ceará, foi idealizada pelo Padre Albino Donatí no ano de 1982.

Todo segundo domingo de novembro, milhares de pessoas fazem uma caminhada para homenagear os sertanejos e sertanejas que morreram no campo de concentração da seca do ano de 1932, vítimas da incompetência e da irresponsabilidade dos governantes.

A caminhada da seca é um momento em que todos e todas caminham movidos pelos mesmos objetivos, unidos pela fé e esperança, mantendo viva a memória de uma história que não pode ser esquecida.

Anuncia as experiências de convivência com o Semiárido que se contrapõem à política de combate à seca e denunciando a velha e nova indústria da seca.



Campo santo do sertão
Lugar divino e sagrado
Santuário da seca
Assim ficou consagrado
O cemitério da barragem
Lugar místico e encantado

Versos do Cordel do Patrimônio - Autor: Fram Paulo



OS DESCAMINHOS DE UMA OBRA



Dezenove foi o ano
Do século que passou
Por ordem do governo
O inglês aqui chegou
Pra construir a barragem
Que o povo solicitou

Velha Maria fumaça
Chegava até o local
Levando as ferramentas
Cimento, tijolo e cal
Parte vindo da Inglaterra
E outra da capital

Engenheiro por todo lado
Máquina cavando o chão
Pra fazer o alicerce
De um grande casarão
Que seria logo a sede
Escritório da construção

E nas fundações da obra
Fizeram mais casarões
Armazém e oficina
Duas grandes estações
Tinha até vila operária
Em cima dos chapadões

Versos: Cordel do Patrimônio - Autor: Fram Paulo

A tradição da Caminhada da Seca existe desde o ano de 1982, mas a sua história teve início no ano de 1919, quando foi iniciada a construção da barragem do Patu, no município de Senador Pompeu (CE).

A construção tinha objetivo de amenizar a problemática da falta d'água nos períodos de longa estiagem.

A obra era de responsabilidade de uma empresa inglesa, que antes de iniciar a construção da barragem, ergueu toda a infraestrutura necessária para abrigar engenheiros, operários, técnicos e maquinários. Por ordem do Governo Federal, a obra foi paralisada no ano de 1924, ficando todo o complexo do canteiro de obras abandonado em meio ao sertão.

Esse fato mostra como a seca enquanto fenômeno natural foi e a ainda é o que sustenta a indústria da seca, com suas diversas formas, passando pela justificativa das grandes obras, até o uso da imagem negativa de uma região onde se mostrava só a miséria, o chão rachado, as caveiras de animais mortos, o flagelado, o retirante, criando a imagem estereotipada que era usada como justificativa para a liberação de recursos para o combate à seca.



O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DA SECA DE 1932

No final da década de vinte do século passado, o Nordeste enfrentou mais um longo período de estiagem, tendo como o ápice o ano de 1932. Por conta da falta de infraestrutura de convivência com o fenômeno natural da seca, grande parte da população do sertão nordestino foi impactada.

Com o propósito de conter as levas de sertanejos que se deslocavam para a capital cearense, o Governo adotou a cruel estratégia de confinar os atingidos pela seca em locais estratégicos. Tal prática foi iniciada na seca do quinze onde os atingidos pela seca eram concentrados na periferia de Fortaleza.

Essa prática de confinamento em campos de concentração foi aprimorada na seca do ano de 1932, quando o governo instaurou sete campos de concentração no Ceará.

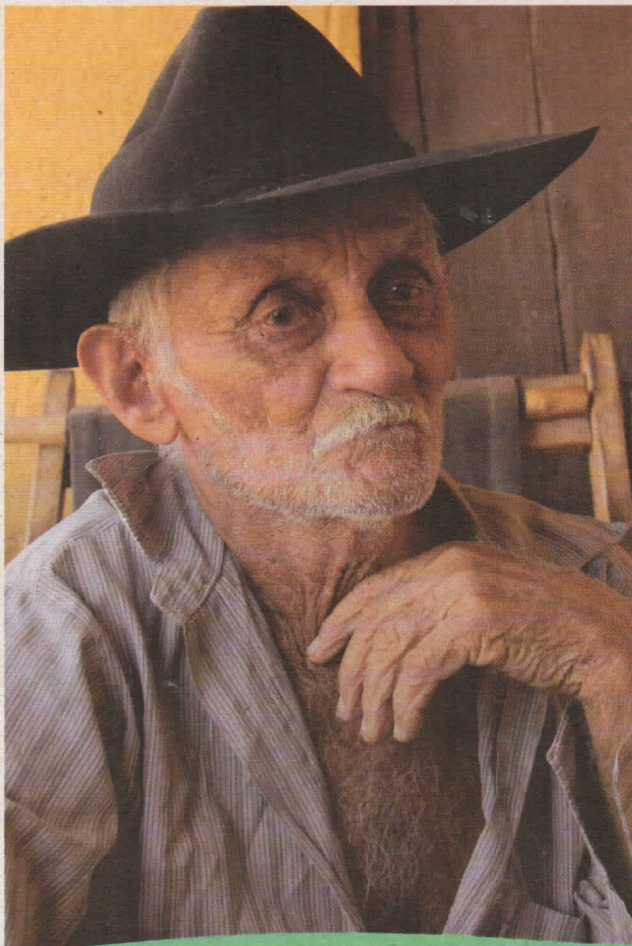
Um dos campos de concentração funcionou no município de Senador Pompeu, no canteiro de obras da barragem do Patu, que deveria ter sido construída para solucionar o problema da falta de água na região.

Milhares de pessoas foram atraídos com a promessa de emprego, comida e remédios, o que de fato não acontecia. Segundo relatos de sobreviventes, quem adentrasse no campo de concentração era impedido de sair e morria mais de 20 pessoas por dia, de fome, de doença e eram enterrados em valas comuns como indigentes. De acordo com jornais da época, o campo de concentração do Patu, concentrou mais de 16 mil pessoas.

Na verdade, a sede, a fome, as doenças, os maus tratos, o sol escaldante, não foram os únicos responsáveis pela tragédia, mas sim o Estado não implementou política de convivência com a seca.

Foi uma prática de confinamento para levar ao extermínio proposital de negros, dos descendentes de povos tradicionais, dos desprovidos de recursos, como também a prática do uso da mão de obra escrava, em troca de ração, para atender às demandas das elites da época.

O Estado promoveu a violação de direitos humanos, ferindo a dignidade de milhares de sertanejos, que tiveram suas vidas ceifadas.



A narrativa de quem vivenciou os horrores no campo de concentração de Senador Pompeu, Cícero Clara, sobrevivente do campo de concentração de 1932. Francisco Ferreira da Silva, conhecido por Cícero Clara - Nascido no dia 29 de outubro de 1921 / Pedra Branca - CE

Assim ele narra:

Quando entrou o ano de 32, a gente foi obrigado a ir simhora, minha mãe com seis filhos, três homens e três mulher.

Subemo que tinha essa comissão lá no Senador. Tinha muita gente socada dentro de um barracão véi de zinco, não era dentro de Senador mesmo, era no pé do serrote do Patu.

Quando chegava lá, você botava sua família no chão, batava suas redinhas no chão, não tinha onde armar, você com sua família se deitava ali em riba.

Aí amanhecia era gente morta, era o que a vista alcançava de gente morta. E nesse negócio lá meu filho, três irmã minha entrou.

CAMINHADA AO CAMPO SANTO DO SERTÃO

Foi através da memória dos/as sobreviventes e das edificações construídas para abrigar os engenheiros que participariam da construção da barragem do Patu, que o fato histórico não foi esquecido.

Foi a partir do martírio de milhares de sertanejos/as que nasceu o santo coletivo, “as almas do povo é o santo do povo”.

No ano de 1973 um grupo de religiosas e pessoas da comunidade construíram um cemitério, com uma capela e dois cruzeiros, para que os familiares e devotos das almas da barragem pudessem fazer suas orações e agradecer pelas graças alcançadas.

No ano de 1982, o padre Italiano Albino Donatt, chamou os paroquianos para fazerem uma caminhada saindo cedo da manhã da Igreja Matriz até o Cemitério da Barragem. A caminhada virou tradição.

Todo segundo domingo de novembro milhares de pessoas caminham em procissão até o cemitério, onde é celebrada uma missa em homenagem aos que sofreram no campo de concentração de 1932.

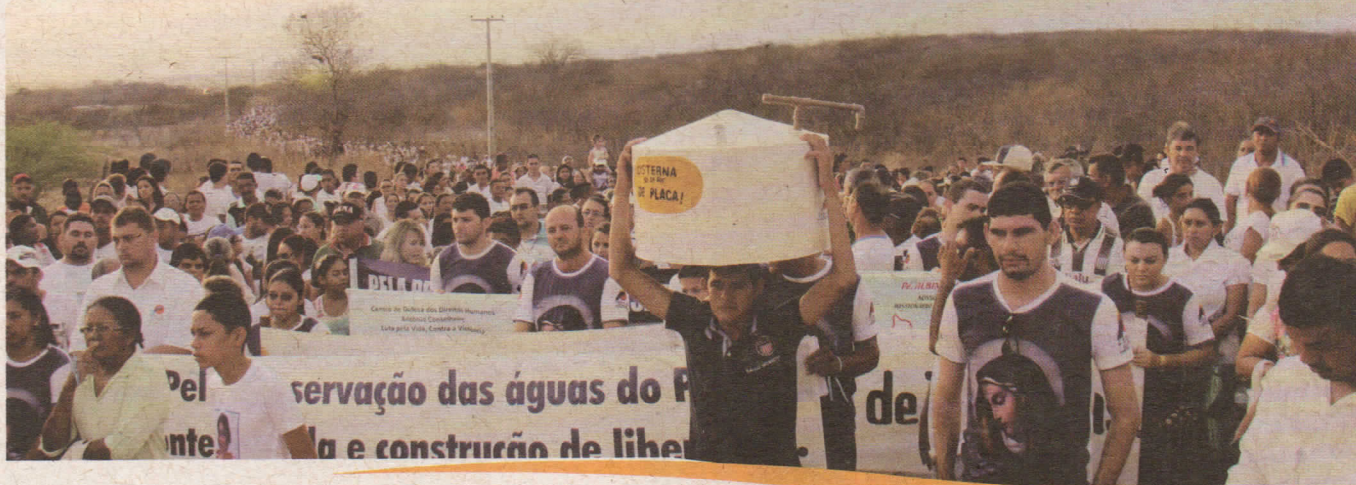
O Cemitério da Barragem é considerado um campo santo para a comunidade e chamado de Santuário da Seca.

Dos campos de concentração que ocorreram no Ceará no ano de 1932, o único município que mantém a memória viva, é Senador Pompeu, tanto no aspecto material com os casarões da barragem como no aspecto imaterial que é a devoção às santas Almas da Barragem além da tradição da caminhada.

A Caminhada da Seca é um importante evento cultural e religioso que carrega muitas simbologias e faz parte da história dos povos do Semiárido.

Através das temáticas e das reflexões apresentadas no percurso da caminhada e durante a celebração que denuncia a indústria da seca, a negação de direitos fundamentais como o acesso à terra e à água.

Traz a mística da fé, através da crença popular nas Almas da Barragem, mantém viva a memória do campo de concentração para que a história não se repita e anuncia um Semiárido vivo, com as tecnologias sociais de convivência que têm mudado não só a imagem, mas a vida de milhares de famílias.



Realização

